



PPP

Debate Dívida pública José Miguel Pinto dos Santos

João Serrão da Cunha era, em 1610, um dos homens mais ricos de Goa. Nessa altura, uma das fontes de receita do Estado português, desesperado como sempre com falta de dinheiro, era a venda a privados dos direitos anuais da Carreira do Japão. As receitas da venda da concessão nesse ano seriam destinadas, dizia-se, à fortificação da cidade de Cochin. A hasta pública realizou-se a 9 de Março. Cunha licitou 27.000

pardaos xerafines e a viagem foi-lhe arrematada. De acordo com a prática comum, pagou imediatamente metade deste montante ao Tesouro, e deu fiança pela outra metade, que seria paga no regresso.

A compra do direito à viagem era apenas o início do investimento. O empresário comprou a seguir uma nau, acabada de construir nos estaleiros de Cochin, por um pouco mais de 40.000 *xerafines*. Como o seu fundo de maneio original era de cerca de 50.000 *xerafines*, Cunha teve de se endividar para fazer face às outras despesas: para pagar salários e mantimentos para a tripulação, a cerca de 500 *xerafines* por mês, e

para aquisição das mercadorias, sem o qual não haveria negócio.

Nª Senhora da Vida, a nau de Cunha, largou vela de Goa em Abril de 1611. Infelizmente, chegou a Malaca demasiado tarde para apanhar a monção, pelo que só atingiu Macau em 1612. Mesmo assim, Cunha foi lá encontrar Pero Gayo, o licitante do ano anterior, que não pudera fazer a viagem nem em 1610 nem em 1611, devido a um mal-entendido diplomático, em 1609, com o Japão. Como Gayo tinha adquirido o direito à viagem antes de Cunha, foi ele que fez a viagem de 1612. Cunha ficou retido em Macau durante doze meses a sangrar 500

xerafines por mês, sem contar com os juros.

No entanto, depois de dois maus anos, 1613 parecia ser o ano da viragem, pois uma boa viagem daria para pagar as dívidas e ter algum lucro. Mas eis que aparecem então em Macau Luís de Sousa e Martin d'Eça, cada qual com o direito a uma viagem, e com direito de precedência sobre todas as outras! Porque? Porque a Coroa, no seu sófrego por receitas, começou a vender mais viagens do que havia anos. Na expectativa de só poder realizar a sua em 1615, Cunha levou o Estado a tribunal, em Macau, mas perdeu.

A solução que Cunha arranjou foi obter um novo empréstimo em Macau, que lhe permitiu adquirir aos seus rivais o direito de precedência. No entanto, o mau tempo só o deixou que chegasse a Nagasáqui em 1614. O negócio foi excelente, mas, no regresso, esperavam-no os credores. Em 1616, a nau e os restantes bens de Cunha foram vendidos em hasta pública e o mercador declarado falido. Diz o cronista que, a partir de então, Cunha podia ser visto em Goa a mendigar.



A partir de então, Cunha podia ser visto em Goa a mendigar



Professor de Finanças, [AESE](#)